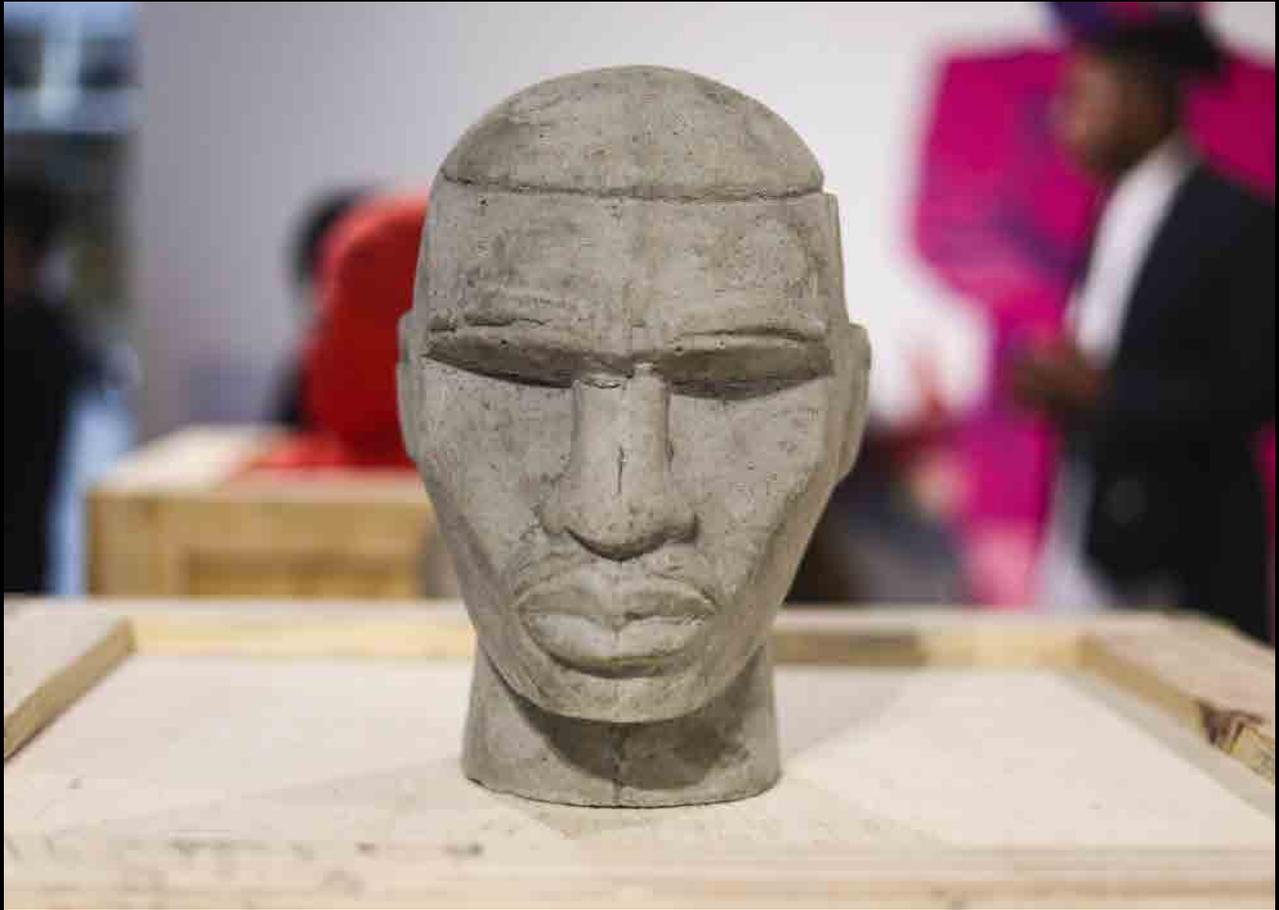




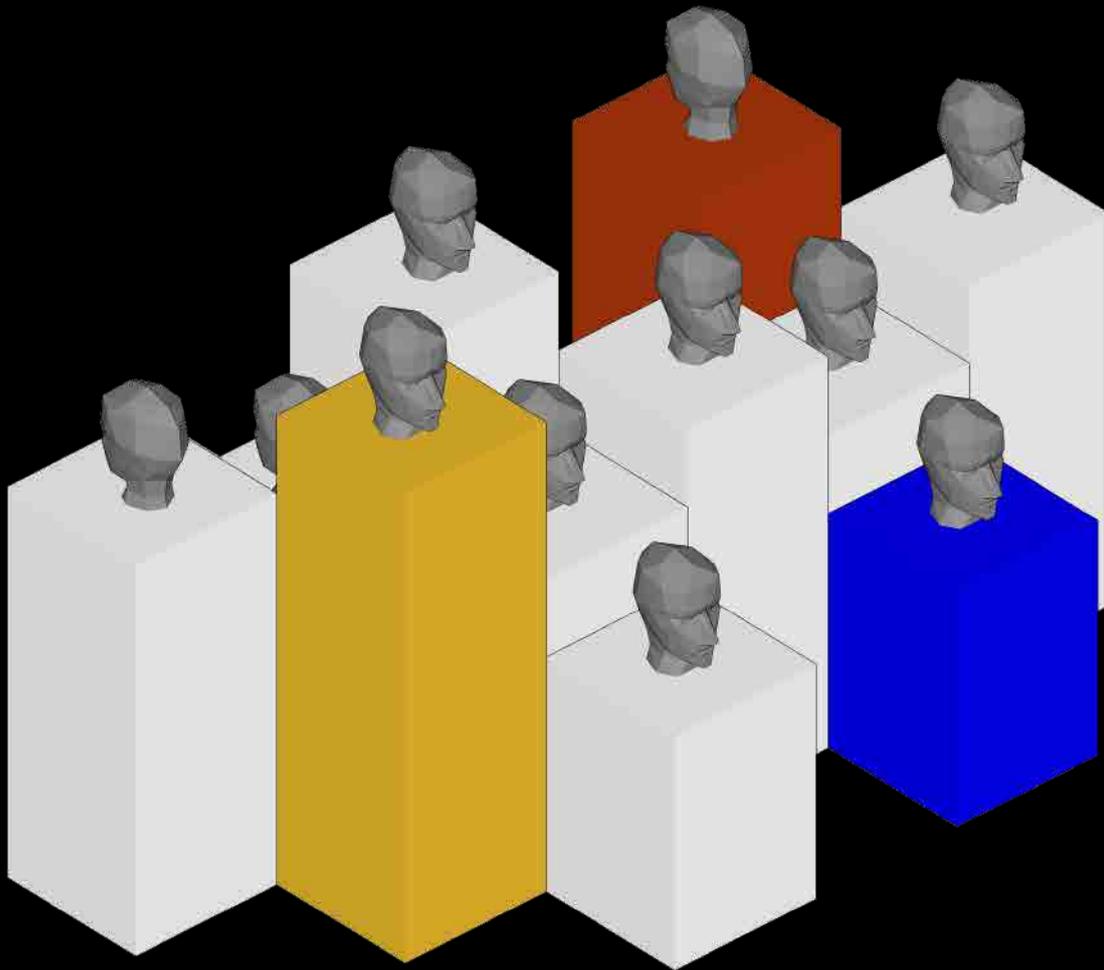
NOVA



Detalhe da obra 111 (Neo Ex-voto)

Olá, sou ~~Ramo~~ Ramo, sou bacharel em Arte Visuais pela Faculdade Imaculada Coração de Jesus formado em 2015, em 2019 especializei-me em Gestão cultural contemporânea: da ampliação de repertórios poéticos à construção de equipes colaborativas pelo Itaú Cultural e Instituto Singularidades.

Pesquisei os desdobramentos do verbo Construir desde os processos identitários e de pertencimento territorial, à criação de espaços rituais que reverberam no imaginário da cultura popular contemporânea, materializando nas seguintes mídias: Instalações, Esculturas em cerâmica ou marcenaria, pinturas (Canvas, Muralismos e ou Pixação/Graffiti) Desenhos, Performances, Happenings, Estéticas relacionais, fotografia, vídeo e outras mídias.



Esboço da obra 111 (Neo Ex-voto)

Outros temas de pesquisa:

- Masculinidades performadas por homens pretos e favelados e seus paradoxos no contemporâneo.
- Justaposições e Paradoxos das relações de Trabalho e do Ócio criativo (vadiagem) exercidos pelos Corpos não normativos.
- Questões de identidade e pertencimento territorial.
- Justaposição de imagética e de imaginários da cultura popular rural e cultural popular urbana.
- Relações ontológica entre Corpo, Templo e Espaço no contemporâneo.

Instalações



Detalhes da exposição Ramificar no Museu de Arte do Rio de Janeiro

A obra **111 (neo ex-voto)** se dedica a refletir, lembrar e encontrar meios de cura como enfrentamento aos processos de vilanização de homens pretos/periféricos após o 30º aniversário do massacre dos 111 do Carandiru, comemorado em 2022.

Obras comissionadas para a exposição Ramificar no Museu de Arte do Rio de Janeiro em cartaz até 20/11/22 e na mostra Êxodos em cartaz até 29/01/23 no Sesc Santana.

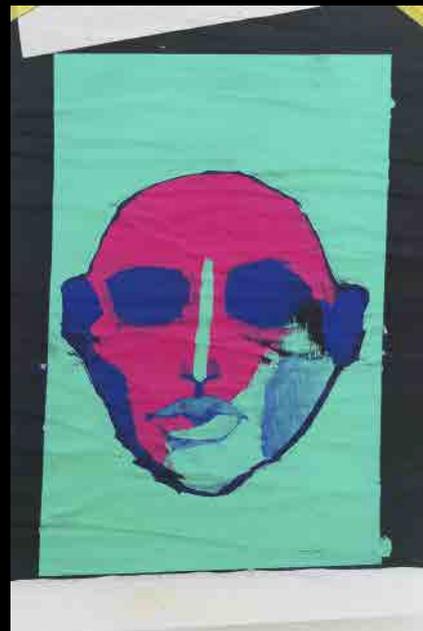
Pinturas



Pintura Suspeita: Série
Viny, Roger e Jackson
2022
21 x 29 cm
Mista sobre lambe-lambe



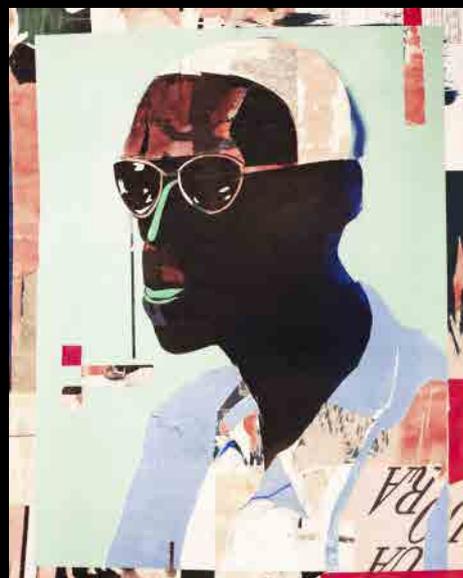
Pintura Suspeita: Série
Roger
2022
21 x 29 cm
Mista sobre lambe-lambe



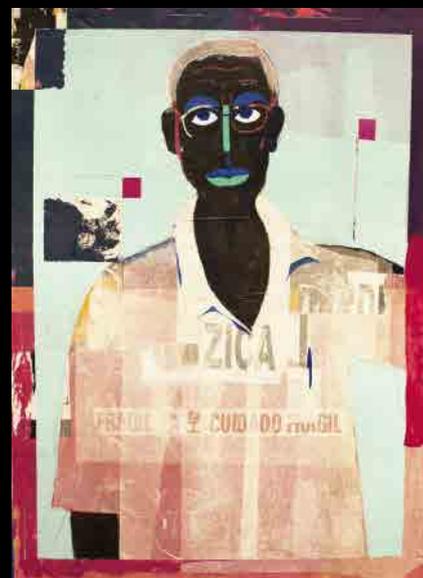
Pintura Suspeita: Série
Jackson
2022
21 x 29 cm
Mista sobre lambe-lambe



Pintura Suspeita: Série
Maria Auxiliadora
2022
100 x 80 cm
Mista sobre lambe-lambe



Pintura Suspeita: Série
Xangô da Vila Maria
2022
100 x 80 cm
Mista sobre lambe-lambe



Pintura Suspeita: Série
João Candido da Silva
2022
100 x 80 cm
Mista sobre lambe-lambe

Obras comissionadas para a exposição Êxodos em cartaz até 29/01/23 no Sesc Santana.

Esculturas



Coluna 1
Escultura
2020
14 x 4 X 4 cm
Madeira



Coluna 3
Escultura
2020
14 x 4 X 4 cm
Madeira



EX- voto 8
Escultura
2020
22,5 X 13 X 12,5 cm
Ceramica



Escultura 2
Escultura
2020
20,5 X 14,5 X 11
Ceramica



Ex voto10
Escultura
2020
12 X 15 X 12
Ceramica



Ex Voto 9
Escultura
2020
16,5 X 10 X 7,5 cm
Ceramica

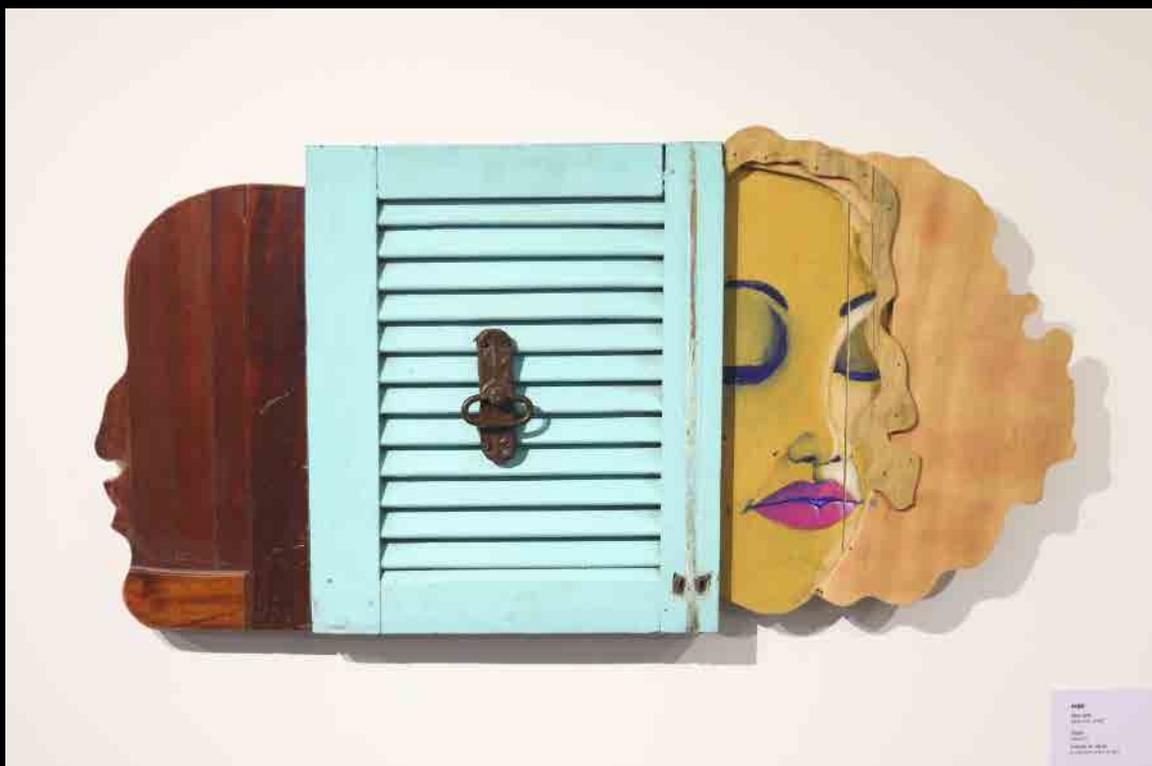
Objetos



Cidade dormitório
2019
Mista sobre Madeira.
1,50 X 1,0 Mts.
objeto



MOA
2018
50 X 40
Mista sobre Madeira
objeto.



Afeto.
2018
Mista s/ Madeira
objeto

Site Specific



Ginga Glitch

2020

Site Specific (GIF Art)

00:26 seg | 1080 X 277 pixels

<https://youtu.be/VM9IXRkGPes>

Shopping Paulista - SP, SP.



AMEFRICAH
2022
Site Specific
(Lambe-Lambe)
7,23 X 3.02 Metros

Museu da cidade |
Casa da Imagem

Obras comissionadas para a o site specific no Museu da Cidade de São Paulo | Casa da Imagem em cartaz até 20/11/2022.

:// Hackeamento cultural

O Hackeamento cultural é uma maneira de acontecer e ler o mundo onde tecnologias sociais, soluções low-tech e pesquisas decoloniais são materializadas nos campos das artes, educação e cultura tradicional e/ou contemporâneas sendo estas desenvolvidas por criadores pesquisadores das margens.

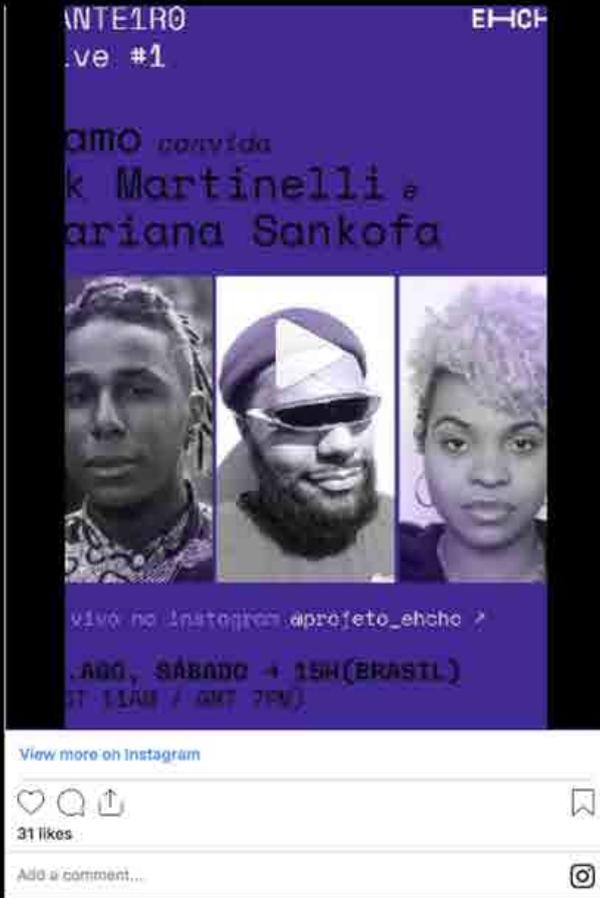


HackingMuseum
instalação
Pintura, escultura,
deambulações, caligrafias urbanas
dimensões e tempos variáveis
2019
Funarte São Paulo.



SANTE1R0

EHCHO

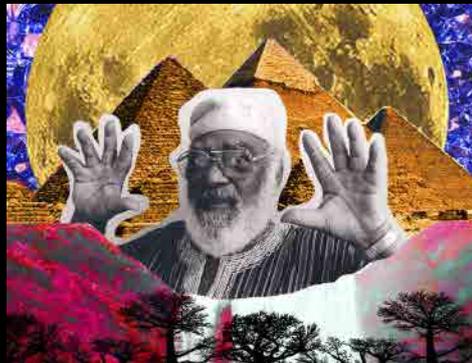
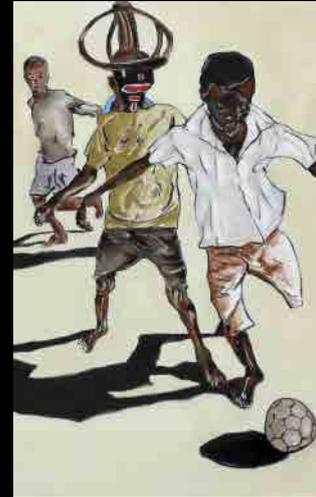


A obra SANTE1R0 mapeia o ofício dos trabalhadores da cultura em especial Cenógrafas/os Montadores de exposição, Assistente de Artista que em sua maioria gesta sua própria produção como Artistas independentes. vivendo a justaposição de dois ofícios em dois espaços relacionais, A MARGEM que mantém funcionando e gera capital cultural para a arte contemporânea frente ao CUBO BRANCO com sua obsolescência programada, caso não gere um diálogo equivalente, perene, co-criativo.

A obra se materializa assim como o "novo normal" em 6 partes, entre Digital / Analógico. duas Lives aqui nesta plataforma com 2 esculturas em madeira em diálogo com a cultura de produção dos Ex-Votos produzidas para celebrar e agradecer as tecnologias ancestrais desenvolvidas e difundidas por nossos mais velhos, aplicadas e apreendidas por nós que estamos com a escuta aberta no contemporâneo por esses atores.

SANTE1R0 I
Happening no instagram
2021
EP 1. com @mariana_sankofa e
@ckmartinelli
Plataforma @projeto_ehcho

SANTE1R0 II
Happening no instagram
2021
EP 2. com @ladunproducao e
@luiz83_arte
Plataforma @projeto_ehcho



Vilanismo é uma plataforma de novas imagéticas e bricolagens visuais de homens Pretos e/ou Favelados, onde há hackeamentos dos estereótipos (fantasmas da Branquitude) imputados sobre estes homens. Tornar-se sujeito de pesquisa em sua jornada é a obliteração do lugar desenhado por outros para nós, abrindo espaços para exercer o que Frantz Fanon nos propõe:

“O verdadeiro salto consiste em introduzir na existência a invenção.”

Maiores informações: @vilanismo

Material adicional

Ministério do Turismo, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal de Cultura apresentam



Ramificar

Ramo

Sem título, 2022.

Ramificar
Local: 4º andar da
Escola do Olhar
Inauguração: 6 de
agosto
Abertura às 11h.
Exposição gratuita



Lei de Incentivo à
CULTURA



MANTENEDOR



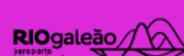
PATROCÍNIO
MASTER



PATROCÍNIO



PATROCÍNIO
ESCOLA DO OLHAR



APOIO INSTITUCIONAL



APOIO EDUCACIONAL



APOIO ESCOLA DO OLHAR



PARCERIA DE MÍDIA



GESTÃO



CORREALIZAÇÃO



APOIO



CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO



REALIZAÇÃO



Ramificar

Filho de pais amorosos, Ramo reflete, ainda dentro de casa, na infância, sobre sua ascendência afro-brasileira. Procurando oferecer letramento racial ao filho, a lógica do retrato de pessoas pretas virava assunto no posicionamento familiar. Na adolescência, Ramo se reconhece no hip-hop. E segue negociando sua negritude entre os mecanismos de mobilidade social, ainda que enfrentasse a pouca racialidade das instituições.

Em *Ramificar*, vemos um artista atento às questões afrofuturistas e quilombistas, consciente dos estigmas que o racismo impõe a corpos negros. São rostos, sobretudo, o que Ramo nos apresenta. Rostos racializados, de frente, de perfil, o que sublinha as características fenotípicas da etnicidade. Com isso, Ramo elabora a ideia da “vilania”, como se houvesse uma marginalidade inventada a quem traz, no corpo, a pele negra.

Ramo se apropria da saga de Ísis e Osíris. Osíris, na construção mitológica, é cortado em catorze pedaços pelo irmão. Ísis, sua mulher, reconstrói o marido, que passa a ter a pele preta transformada em verde. Ramo situa a pele verde de seus personagens a partir desta passagem; nos posiciona em direção ao porvir, ultrapassando a necropolítica que previa (prevê) o aniquilamento dos corpos. E, seguindo a lógica da reparação histórica, o pensamento da vitória é, neste caso, a condição mítica de sobreviver, mesmo que com marcas traumáticas pelo corpo.

Ramificar traça uma linha imaginária diaspórica entre Mauá, São Paulo e a Mauá (Praça), no Rio de Janeiro. Dois lugares com fortes tradições afro-brasileiras. Em comum, as contradições entre território e ancestralidade. Ramo, por outro lado, se interessa pela mudança de perspectivas frente às masculinidades negras, elaborando relações que atravessam a arte e a sociedade.

Marcelo Campos
Curador

AMEFRIKAH

Curadoria:

Luciara
Ribeiro

Abertura
27/08
Sábado.

Das 13h às 16h



RAMU

Casa da Imagem | Museu da Cidade de São Paulo
Rua Roberto Simonsen, 136-B. Sé, São Paulo-SP

PRODUÇÃO E GESTÃO



REALIZAÇÃO



Mover as ondas do mar para banhar a alma e o presente.

Sem dúvidas, um dos maiores acontecimentos da história recente foi o tráfico Atlântico, os desdobramentos promovidos por ele e suas consequências promoveram traumas que até hoje buscamos curar. Um crime alastrado a indivíduos e coletivos, penetrando no modo como a sociedade se organiza, promovendo hierarquias, poderes e disputas, disseminando vidas e impactando nas imaginações.

Pessoas negras, sejam elas pretas ou “mestiças”, africanas ou afrodiaspóricas, em algum momento de suas vidas, têm que lidar com a memória desse ato desumanizador. Ser um sujeito negro no mundo é ter que buscar vias para não sucumbir diante disso. E, apesar do tempo histórico ser o mesmo para todos, os modos de encarar a situação são distintos. Alguns sentem mais que outros, lidam melhor, compreendem seus efeitos e reagem conscientemente, outros, nem sempre entendem tal historicidade e as consequências, mas seguem na luta diária pela sobrevivência.

Ao longo desses mais de cinco séculos, autores e autoras tentaram apontar vias de reescrita histórica, observando para além das dores e das subalternidades. Lélia González (1935-1994) foi uma delas. Além de ter construído uma intensa trajetória intelectual, envolvendo-se com os movimentos sociais e políticos do país, González proporcionou imensas contribuições. Observar a territorialidade atlântica com lupas para a emancipação dos sujeitos negros e negras foi um modo de ela reafirmar sua existência e a de milhares de pessoas. Ao formular termos como “améfrica” e “pretoguês”, Lélia González não estava preocupada apenas em discutir a linguagem, mas em reposicionar os sujeitos, seus tempos e suas histórias.

Améfrica é redefinir fronteiras terrestres, corpos e tempo. Ser amefricana é compreender que não se trata apenas de uma história compartilhada pelo Atlântico, mas de permanências a partir dele e daquilo que foi construído nos solos compreendidos como Américas.

Com o projeto Amefrikah, o artista plástico Ramo percorre as linhas de Lélia González para criar visualidades que compilam símbolos de lutas e conhecimentos referenciados aos movimentos negros nas Américas e na África.

Acessando diversos símbolos nacionais, projetados em formato de bandeira, geram-se novas imagens para as identidades deste território. São códigos que vão desde signos panafricanistas internacionais aos conectados com diferentes cosmologias indígenas no Brasil.

É um gesto complexo que envolve aproximações, dribles, retomadas, reviravoltas, redemoinhos e ventanias. Em um apanhado de visualidades e reconexões, centralizadas nas existências de mulheres negras, pretas, latino-americanas e caribenhas, Ramo nos convoca para um banho das ondas do mar amefricano, aponta os novos futuros que precisamos e reposiciona história, memória e tempo por meio de imagens de lutas.

Luciara Ribeiro

curadora

25.01.22
25.04.22
Seg à Sex
10h às 17h

Abertura:
25.01.22
17h às 21h



RAMO
#VILÃO

Curadoria: Lorraine Mendes

Av. Nove de Julho, n° 50
Bela Vista, São Paulo - SP
01312-000

55 11 98104-9454
@diasporagaleria

www.diasporagaleria.com.br
contato@diasporagaleria.com.br

VILÃO

Quando pensamos nas narrativas da colonialidade, o herói é o salvador. Nessa figura se encerram os princípios e valores da pureza e da nobreza. Como seu oposto, existe o Vilão. Figura a ser combatida, eliminada com valores, visualidades e origens que muito se afastam da construção do sujeito ideal. A ele são atribuídas as mazelas, a culpa, a violência e os vícios.

No projeto de sociedade da colonialidade, a vilania tem cor.

Nós, pessoas negras, fabulamos nossas próprias existências a partir de um vazio. Não um vazio de onde se é possível despertar para algo integralmente novo, mas sim de um vazio que habita os escombros daquilo que nos fizeram.

O negro, enquanto invenção da colonialidade, é concebido como tema, objeto alienado na condição do outro. Aquele que não existe sem o olhar do branco e por não existir fora dessa vista, pouco sabe de si, de sua história e memória.

Quando nos debruçamos sobre a árdua tarefa de nos encontrarmos verdadeiramente, é preciso olhar para o espelho a partir da luz negra da qual fala Denise Ferreira da Silva. Se olhar no espelho em busca de si é driblar um regime racializado de representação que nos encerrou em uma condição de subalternidade, servidão, violência e desamparo.

A vilania atribuída àquele que porta a negritude é aqui conjurada não só como uma presença em uma ordem social pela visão brancocêntrica. Mas é também deslocada orientando uma outra mirada de mundo a partir do drible-vida.

O homem negro é aquele fadado ao desaparecimento no projeto hegemônico de Brasil seja pela morte, dor, prisão ou adoecimento. Dessa maneira, vilão não seria aquele que desafia a ordem e sorri, dança, se cuida, ama e partilha? Dessa forma, percebemos esse sujeito como aquele que não se aparta de si constrói-se em meio aos escombros, habita a travessia do espelho e, no reflexo percebe e acolhe o seu igual.

Lorraine Mendes

Curadora:

Ramo

[Roger Ramos] 1987. Mauá - Brasil

Exposições individuais:

2022 - Êxodo

Curadoria: Ramo - Sesc Santana

2022 - Ramificar

Curadoria: Amanda Bonan e Marcelo Campos

Museu de Arte do Rio de Janeiro

2021 - ORÍ

Curadoria: Lorraine Mendes - SESC São Caetano.

Curadorias:

2021 - ñZANZA - Galeria Aymoré - Rio de Janeiro - Brasil

Mentoria: Tania Queiroz, Ivair Reinaldim e Marcelo Campos

Prêmios e Residências:

2022:Pemba: Residência Preta.

Curadoria: Igor Simões e Hélio Menezes

2019 - Mola in Natura KAAYSÁ Art Residency.

Curadores: Fernando Velázquez e Lucas Bambozzi.

2018 - Funarte São Paulo: Ateliê Alex Vallauri

Curadoria: Maria Ester Moreira.

Exposições Coletivas:

2022: Atos Modernos -Filme "Narrativas e territórios em disputa"
Direção: Luciara Ribeiro Pinacoteca do Estado de São Paulo - SP
Curadoria: Horrana Santoz

2022:Dos Brasis: arte e pensamento negro - Sesc Belenzinho - SP
Curadoria:Igor Simões e Hélio Menezes

2022: Exibição Artvista
Curadoria:Vinícius Valério Teixeira

2022: Projeto GÁS
Curadoria: Bianca Bernardo- Anita Schwartz Galeria de Arte

2021 - Ar: Acervo Rotativo
Curadoria: Laerte Ramos - Oficina Cultural Oswald de Andrade

2020 - RUA - Museu de Arte do Rio. Rio de Janeiro - Brasil
Curadoria: Marcelo Campos e Amanda Bonan.

Obras Comissionadas:

2022 - instalação: 111
Exposição: Êxodo, curadoria: Ramo - Sesc Santana

2022 - instalação: 111
Exposição: Ramificar, curadoria: Amanda Bonan e Marcelo Campos Museu de Arte do Rio de Janeiro

2022 - Amefrikah - Museu da cidade de São Paulo
Curadoria: Henrique Siqueira e Sofia Neves Castilho

2021 - SANTE1R0 - Projeto EHCHO
The University of British Columbia - Canada /Rio de Janeiro - Brasil
Curadoria: Denise Ferreira de Silva, Camilla Rocha Campos e Amilcar Packer

Acervo institucionais:

Acervo da laje, Bahia - Obra: Mau olhado | 2021

Museu de Arte do Rio de Janeiro - Obra: Cidade Dormitório | 2021

Acervo Rotativo, São Paulo - Obra: Coluna 9,10 e 11

Museu da Diversidade Sexual - Obra: Servente | 2020

FUNARTE São Paulo - Obra: 500 milhões de neurônios para processar a dor
| 2020

Galpão Bela Maré, RJ - Obra: Desconstrução | 2018

Secretária de Cultura de Rio Claro, SP - Ginga Glitch | 2017

Pinacoteca do município de Mauá, SP - Obra: Expurgo e Casa de Caboclo |
2016

Acervo Particulares:

Ex- votos: 3, 4 ,7 e 8 - Rosana Paulino - PS

Ex - voto 1 Renato Nogueira - RJ

OBRIQUADO